

PENSADORES SOCIAIS E O ESPORTE NO CINEMA: CONTRIBUINDO COM A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO CULTURAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

SOCIAL THINKERS AND SPORT IN CINEMA: CONTRIBUTING TO THE INCREASE OF THE CULTURAL REPERTORY IN PHYSICAL EDUCATION

Cristiano Mezzaroba¹

Hamilcar Silveira Dantas Junior²

Fabio Zoboli³

Priscila Kelly Figueiredo⁴

RESUMO

O texto apresenta um relato de experiência de um evento de cinema realizado no curso de formação de professores de Educação Física (EF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) que interpelou a temática do esporte sob as lentes do cinema. Para tal, partimos do entendimento que era necessário definir pensadores sociais para dialogar com o Esporte enquanto fenômeno social exposto no cinema, gerando sensações que possibilitariam repensar as próprias teorias sociais, o esporte e o cinema. Foram então indicados Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Zygmunt Bauman e Eric Hobsbawm que dialogariam com os filmes, respectivamente, “Rush – no limite da emoção” (2013), “Um domingo qualquer” (1999), “O programa” (2015) e “Sangue nas águas” (2006). Concluimos que os corpos e imagens em movimentos nos possibilitam pensar novas dimensões estéticas e políticas da modernidade na medida em que refletem toda uma racionalidade científica, ordenada e metódica presente tanto no esporte como no cinema. Dimensões estas, essenciais à formação de docentes na contemporaneidade.

¹ Licenciado em Educação Física (2004) e Ciências Sociais (2012), ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina, com Mestrado em Educação Física (PPGEF/CDS/UFSC) e Doutorado em Educação (PPGE/CED/UFSC). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGED/UFS. E-mail: cristianomezzaroba@yahoo.com.br.

² Licenciado em Educação Física (1997) pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrado em Educação (PPGED/ UFS) e Doutorado em Educação (PPGE/FACED/UFBA). Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE) da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: hamilcarjr@gmail.com.

³ Licenciado em Educação Física (1999) com Mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutor em Educação do Corpo pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). E-mail: zobolito@gmail.com.

⁴ Licenciada em Educação Física (2003) pela Universidade Federal de Viçosa. Mestrado em Educação (PPGE/FE/UNICAMP) e Doutorado em Educação (PPGE/FAE/UFMG). Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: priscillakfigueiredo@gmail.com.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Cinema, Pensadores sociais, Educação Física, Repertório cultural.

ABSTRACT

The text presents an experience report of a cinema event held at the Physical Education (PE) teacher training course at the Federal University of Sergipe (UFS) that questioned the sports theme under the lens of cinema. For such, we start from the understanding that it was necessary to define social thinkers to dialogue with Sports as a social phenomenon exposed in the cinema, generating sensations that would allow rethinking the social theories themselves, sports and cinema. Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Zygmunt Bauman and Eric Hobsbawm were then nominated to talk to the films, respectively, “Rush” (2013), “Any Given Sunday” (1999), “The Program” (2015) and “Children of Glory” (2006). We conclude that bodies and images in movement enable us to think about the new aesthetic and political dimensions of modernity as they reflect a scientific, orderly and methodical rationality present in both sports and cinema. These dimensions are essential to the formation of teachers in contemporary times.

KEYWORDS: Sports, Cinema, Social thinkers, Physical Education, Cultural repertoire.

INTRODUÇÃO

O cinema e o esporte constituem-se como produtos de um tempo, ou seja, ambos são elementos resultantes da modernidade e se configuram, hegemonicamente, como produtos da indústria cultural. De acordo com Dantas Junior (2013, p. 365):

A Modernidade e sua sociedade espetacular impunham as “imagens em movimento” como anseio, necessidade e dinâmica da própria existência. No cinema esses elementos materializaram-se em todo seu esplendor: espaço de prazeres e diversão, de visualização do corpo (ou de corpos), de confluência de multidões, de consumo, do embaralhar realidade e ficção.

O esporte, como profusão de imagens, sentidos, discursos, representações e práticas, tem sido constantemente acionado pelas produções cinematográficas como forma de narrar histórias, revelar dramas sociais, expor a constituição e intensificação de idolatrias, pautar debates, polemizar versões, expor conflitos geopolíticos, enfim, tem sido uma das temáticas utilizadas pelo cinema em geral em suas produções nos mais diversos países e com as mais diferentes ideologias. Conforme argumenta Mezzaroba (2017), o esporte possui uma “energia social”, pois, seja como prática, seja como

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

assistência midiaticizada, o esporte faz circular elementos estéticos e culturais próprios de caracterizações de um modo de ser na atualidade, ou seja, podemos observar, pelo esporte, um “conhecimento”, e isso se apresenta como um desafio ao campo educativo e às humanidades em geral.

Este desafio está posto desde a configuração dos signos da modernidade posto que, cinema e esporte se consubstanciam no que Leo Charney (2004) percebeu como superestimulação, distração e sensação próprias da era moderna. Cinema e Esporte são reflexos de uma cultura fundamentalmente imagética, pautada na estimulação sensorial de imagens e sons. Se compreendidos apenas como setores de entretenimento de massa, perdemos a dimensão do impacto social de ambos na constituição dos últimos dois séculos. As formas narrativas, a construção de relações sociais de tensão e alívio social, as mudanças na paisagem urbana promovida pelas salas de cinema, estádios e ginásios terminaram por formatar nossa forma de inserção, percepção e comunicação com o mundo.

O choque é a expressão do instante do clímax de um filme, de um gol ou de uma conquista do campeonato. Experimentar um choque é sempre experimentar um instante, mas que pode nos conduzir para reflexos expansivos, para além do imediato, a este mesmo instante. Para Charney (2004, p. 324):

[...] o momento do choque trazia à sensação, e depois, à consciência, a instantaneidade do momento presente, mesmo quando passava. O choque empurrava o sujeito moderno para o reconhecimento tangível da presença do presente na presença imediata do instante, o que podemos fazer é senti-lo a presença presente do instante pode ocorrer somente na sensação e como sensação.

Compreendido que esporte e cinema ligam-se imagética e sensorialmente desde o alvorecer da Modernidade, Melo *et al.* (2007) procuraram promover uma “arqueologia social do objeto esporte”, com o Projeto “Esporte e Arte: Diálogos”, com o objetivo de construir um banco de dados com o levantamento das mais diversas artes que “comunicam” questões relacionadas ao esporte, como o cinema, as artes plásticas, a música (nacional) e as artes cênicas, totalizando, em 2007, 3250 obras. Em relação ao esporte e cinema, levantaram os seguintes dados: “538 filmes; 235 longas-metragens nacionais, 67 são curtas-metragens nacionais, 170 são longas-metragens Latino-

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

Americanos e 66 são longas-metragens da Espanha e Portugal”. (MELO *et al.*, 2007, p. 346).

Além disso, Melo *et al.* (2007, p. 341) questionam: “[...] não está na hora de nos aproximarmos mais da Estética, uma disciplina filosófica, para ampliarmos nossas considerações acerca do papel do esporte na sociedade? Será que os aspectos estéticos não são também relevantes na configuração da importância, da presença social e da popularidade do esporte?”.

Quando levamos essa discussão – provocação – para o campo da Educação Física (EF), em especial àqueles/as que se dedicam e se interessam na formação de professores de EF, temos a possibilidade de fazermos uso do cinema, pensando as questões que envolvem corpo e esporte, para além de um consumo de entretenimento, isto é, temos, pelas imagens, sons e sentidos gerados, um conjunto de representações que vão se constituindo em formas de conhecimentos diversos, em torno de elementos culturais, entendidos enquanto formas de se conhecer e de se informar, pela via educativa que envolve sensibilização, reflexão e crítica, os quais impactam na formação humana e profissional.

Adentrando na literatura em relação ao cinema e educação e EF, visualizamos a existência de vários argumentos e discursos que corroboram a necessidade e importância dos fins didáticos, pedagógicos e culturais do cinema na formação educativa e profissional. Chaluh (2012) aborda quanto à importância dos filmes no contexto da formação de professores, argumentando que esta envolve uma dimensão técnico-científica e também uma dimensão cultural-social. Para tal autora, “[...] [a prática de assistir filmes com os alunos] mostra-se como provocadora para ampliar o olhar, a percepção, o sentir e o pensar sobre a educação e para promover a ação dos futuros professores”. (CHALUH, 2012, p. 135).

Duarte (2002), por sua vez, defende uma “pedagogia do cinema”, entendendo o cinema enquanto linguagem⁵: seria uma estratégia de didatização e problematização devido à sedução exercida pelo cinema e o papel social do cinema na atualidade. Para tal autora, “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da

⁵ O cinema enquanto linguagem pressupõe sua compreensão em relação à sua estrutura quanto aos sistemas de significação de que o cinema se utiliza: câmera, iluminação, som, montagem/edição (DUARTE, 2002).

formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” (DUARTE, 2002, p. 17). Ainda para essa mesma autora, há uma natureza eminentemente pedagógica no cinema, pois “[...] determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais.” (DUARTE, 2002, p. 19).

Marcello e Fischer (2011, p.506), em texto intitulado *Cinema serve para pensar o presente*, sustentam três premissas relacionadas ao ato de investigar imagem e educação, pois consideram que “[...] pesquisar o cinema na educação tem a ver com a educação do olhar” considerar a complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema; considerar o público ao qual se destinam os materiais em foco; operar interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou intervenções com o cinema.

Considerando esses movimentos do campo acadêmico, poderíamos nos perguntar: é possível ampliar o repertório cultural de futuros professores e professoras de EF a partir da exibição e diálogo quanto a filmes que têm o esporte enquanto temática central? De que maneira a EF pode se aproximar dos mais diversos pensadores sociais com as ilustrações fílmicas para tratar de seu conteúdo mais hegemônico atualmente, o esporte?

Diante dessas questões chegamos a outro ponto de entrecruzamento da modernidade: o avanço e consolidação das Ciências Sociais. Partimos do entendimento que era necessário definir pensadores sociais para adensar seu pensamento e dialogarmos com o Esporte enquanto fenômeno social exposto no cinema, gerando sensações que possibilitariam repensar as próprias teorias sociais, o esporte e o cinema. Uma dinâmica de sensação, estímulo e pensamento permanente, localizando as bases teóricas, dimensionando a arte e o esporte, vislumbrando o real a todo instante.

A definição de quais pensadores sociais seriam apresentados partiu da compreensão do sentido de clássico exposto por Calvino (2007). O clássico é aquele livro (autor, pensamento) que nunca termina de dizer aquilo que tem a dizer, que se oculta nas dobras da memória e do inconsciente coletivo, que atravessa a cultura deixando suas marcas, que quando mais relido e revisto mais novidades e provocações

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamílcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

nos trazem. Assevera o pensador italiano que “não se pense que os clássicos devem ser lidos porque ‘servem’ para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (CALVINO, 2007, p. 16).

Aqui neste texto, apresentamos um relato de experiência que se aventurou “testar” essa possibilidade de levar a experiência cinematográfica e a discussão sobre o fenômeno esportivo em um curso de formação de professores de EF. Sob a forma de um Seminário de Extensão, em sua primeira edição, realizamos nos meses de janeiro e fevereiro de 2019, no Departamento de EF da Universidade Federal de Sergipe (UFS), o evento intitulado **Pensadores sociais e o esporte no cinema**, o qual se efetivou como um espaço para exibição de filmes com a temática do esporte e a discussão e diálogo dos mesmos a partir de pensadores sociais importantes à contemporaneidade. Coube aos professores a indicação de qual pensador social, sob as indicações discorridas acima, seria tratado e quais filmes seriam utilizados para construção desse diálogo. Foram então indicados Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Zygmunt Bauman e Eric Hobsbawm que dialogariam com os filmes, respectivamente, *Rush – no limite da emoção* (2013), *Um domingo qualquer* (1999), *O programa* (2015) e *Sangue nas águas* (2006).

Em seguida, apresentamos a configuração do evento (exibição do filme e participação de convidados/as), para, na sequência, cada filme ser comentado por um/a convidado/a sob o olhar do pensador social escolhido. Finalizamos o texto com comentários finais, articulando tais possibilidades que envolvem o cinema e o esporte no campo da formação de professores de EF.

O I SEMINÁRIO DE EXTENSÃO – PENSADORES SOCIAIS E O ESPORTE NO CINEMA: CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

O I Seminário de Extensão – Pensadores Sociais e o esporte no cinema ocorreu nas sextas-feiras, durante o período vespertino, no Auditório do Departamento de EF da UFS, nos dias 25 de janeiro de 2019, 01 de fevereiro, 08 de fevereiro e 22 de fevereiro, tendo transcorrido exatamente conforme a programação inicial, que foi assim sistematizada conforme Quadro 01:

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

Quadro 01 – Programação do evento

25 JANEIRO 2019	Pensador social: Walter Benjamin Convidada: Profa. Dra. Priscilla Kelly Figueiredo Filme: Rush – no limite da emoção
01 FEVEREIRO 2019	Pensador social: Pierre Bourdieu Convidado: Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba Filme: Um domingo qualquer
08 FEVEREIRO 2019	Pensador social: Zygmunt Bauman Convidados: Prof. Dr. Fabio Zoboli e Prof. Ms. Elder Correia Filme: O programa
22 FEVEREIRO 2019	Pensador social: Eric Hobsbawm Convidado: Prof. Dr. Hamilcar Dantas Junior Filme: Sangue nas águas

Fonte: I Seminário de Extensão – Pensadores Sociais e o esporte no cinema

O evento propôs-se a ser um espaço para exibição de filmes com a temática do esporte e posterior discussão desses mesmos filmes por professores(as) convidados(as), utilizando-se de ideias, conceitos e abordagens de alguns pensadores sociais (filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos, pedagogos) importantes à contemporaneidade.

Tratou-se de uma iniciativa conjunta de duas disciplinas ofertadas ao curso de Licenciatura em EF, “Esporte e Modernidade” (ministrada pelo Prof. Dr. Hamilcar Dantas Jr.) e “Tópicos Especiais em EF: Estudos Socioculturais do Esporte” (ministrada pelo Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba), cujo objetivo visou contribuir para a formação cultural dos acadêmicos cuja área de formação é a licenciatura em EF, em que o esporte costuma ser, tradicionalmente, um dos principais elementos de discussão e possibilidade pedagógica.

Iniciativas desse tipo vão ao encontro daquilo que Vaz (2010, p. 103) sugere: “Por que não temos em nossas aulas a presença de filmes, textos literários e outros artefatos que tematizam o esporte? Se há uma dimensão estética importante no esporte, por que não aproveitamos sua beleza presente na pintura, na escultura e na fotografia?”

De maneira geral, o cinema pode ser visto em seu sentido hegemônico – uma *visão simplista* – como produto de consumo que serve como forma de entretenimento das massas, ou seja, a ideia de que filmes são vazios de conteúdo e conhecimento; que há frivolidade nas produções; que há uma tentativa de manipulação dos sujeitos. Entretanto, o cinema e suas produções podem ser considerados como instrumento

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

artístico com capacidade de influenciar, ensinar e expressar opinião – seria uma *visão artística e pedagógica* em relação ao cinema (NOGUEIRA *et al.*, 2013).

Entendemos que independentemente do tipo de filme – popular, *cult* etc. – é possível extrairmos do cinema, enquanto veículo e produto midiático, a sua potencialidade enquanto *experiência estética* também na educação/formação humana, ou seja, uma maneira de extrair possibilidades éticas e estéticas para fazer um trabalho de *operação de si*. A dimensão ética, conforme Fischer (2009) envolve remeter-se à própria transformação que faz sermos diferentes do que éramos (“conhecer-se”), e a dimensão estética refere-se ao envolvimento e sensibilização com as imagens, que faz com que o emocional seja ativado.

O seminário Pensadores Sociais fez um recorte de filmes *blockbusters hollywoodianos* (ou similares) que tematizavam o esporte e as diferentes facetas do mesmo. A escolha dos filmes, para além do recorte temático esportivo e das possibilidades de debate que estes poderiam gerar, também tem relação direta com a capacidade desses filmes de retratar as emoções e assim, as condições humanas das tramas retratadas. É importante lembrar com Xavier (1983, p. 43) que o principal objetivo do cinema deveria ser retratar as emoções. No cinema os personagens (e as tramas) são antes de tudo, sujeitos de experiências emocionais: a alegria e a dor, a esperança e o medo, o amor e ódio, a gratidão e a inveja. Todos esses sentimentos conferem ao filme, à trama e ao ator significado e valor. Entendemos que grande parte da filmografia com a temática do esporte disponível, sobretudo a *hollywoodiana*, foi estruturada em trama tendo as emoções como clímax para o emprego das temáticas esportivas. As emoções enquanto condição humana são sentimentos universais e intrínsecos do ser espectador do esporte, assim como do cinema. A aproximação com uma filmografia de estrutura narrativa mais rápida e, supostamente menos acadêmica, nos permitiu também uma maior aproximação no diálogo com os discentes.

Em relação aos discentes participantes, foram ofertadas 60 vagas para o evento, sendo que obtivemos 45 inscritos via SIGAA (Sistema de inscrição e gerenciamento da UFS), e destes, 18 discentes que em algum momento frequentaram algum dia do evento, dos quais 16 atingiram o percentual acima de 75% de frequência para obtenção do certificado de participação.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

Realizamos uma avaliação final do Seminário, no último dia do evento (22 de fevereiro), em formulário específico, que, basicamente, procurou saber:

- 1) Como os participantes avaliaram de maneira geral o evento como um todo;
- 2) A avaliação específica a cada dia do evento, tanto em relação ao filme escolhido/exibido, como também em relação à participação do/a professor/a convidado/a, além de deixar espaço para comentários e sugestões.

Quanto à primeira questão, os participantes em sua grande maioria atribuíram o conceito “ótimo” (11 participantes), com apenas um conceito “bom” (1 participante), o que evidencia, ao menos para aqueles que estiveram no dia da avaliação, a implicação positiva do evento para os discentes participantes.

Já em relação às avaliações específicas quanto aos filmes e convidados, podemos sintetizar as respostas da seguinte maneira: todas as avaliações mencionaram os filmes exibidos e o debate travado a partir da teoria dos pensadores sociais como ótimos e bons.

Diante desses dados, podemos considerar, finalmente, que o evento, por ser sua primeira edição, sendo uma iniciativa conjunta de duas disciplinas acima mencionadas, foi concretizado de forma positiva, tanto em número de inscrições, como em relação ao número de participantes, bem como as avaliações positivas que tivemos nos formulários e pelos diálogos estabelecidos ao final de cada dia do evento. Para as próximas edições, a tentativa será aumentar esse número de inscritos e de participantes, procurando estimular ainda mais a discussão e propiciar momentos de ampliação do repertório cultural e científico entre os envolvidos, articulando conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais com o universo do fenômeno esportivo, principalmente em relação à formação dos professores e professoras de EF.

A EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA E A ABORDAGEM DOS PENSADORES SOCIAIS: REFLEXÕES, CRÍTICAS, DIÁLOGOS

Na sequência do relato da experiência realizada, organizamos uma breve e sintética discussão que envolveu o filme e a abordagem realizada pelo convidado/a quanto às ideias, conceitos e reflexões possíveis a partir dos pensadores sociais que

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

os/as próprios/as convidados/as escolheram no desafio de articular cinema, esporte, sociedade e cultura na formação de professores de EF.

1. O filme “Rush – no limite da emoção” em diálogo com Walter Benjamin

Imagem 1 – Capa do DVD do filme *Rush*



Fonte: ADORO CINEMA, 2013.

Rush - No limite da emoção (EUA – 2013) retrata o mundo glamoroso da Fórmula 1 na década de 1970. A trama central do filme é mobilizada a partir da rivalidade entre os pilotos Niki Lauda (Daniel Brühl) e James Hunt (Chris Hemsworth). Para além de todas as diferenças e limites amplamente explorados através das características psicológicas dos personagens, uma das questões centrais da trama no entorno das corridas de Fórmula 1 é a necessidade dos pilotos manterem-se vivos. Esse é o grande fio narrativo que tem como um de seus desfechos o acidente quase fatal com Niki Lauda em 1976.

O significado de *Rush* (corrida, adrenalina, pressa) traduz uma das intenções do diretor Ron Howard com a trama narrativa: nada é lento na experiência da Fórmula 1. A aparente biografia esportiva da rivalidade entre os dois pilotos põe o espectador no lugar da experiência da vida no limite, da busca pela excitação e do questionamento constante sobre manter-se vivo na principal categoria do automobilismo mundial.

A forma de apresentar a rivalidade entre os pilotos montada pelo diretor Ron Howard nos ajuda a refletir sobre as ações indissociáveis dos protagonistas: suas pulsões, racionalidades ou irracionalidades, suas formas distintas de viver a vida e o

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamílcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

mesmo espaço social são também formas de regular suas emoções. A compulsão pela velocidade ainda romantizada forma o cenário do espetáculo: rivalidade, morte e vida, adrenalina, emoção, velocidade.

Nesse contexto de tessitura das velocidades impostas pelos automóveis e pelo automobilismo procuramos produzir algumas considerações através do conceito de experiência de Walter Benjamin (1994) através dos textos: “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e do texto “Experiência e pobreza”. Procuramos, dessa forma, entender o automóvel como uma nova experiência e novas sensibilidades da vida moderna entre os séculos XIX e XX, ou, conforme Walter Benjamin, o declínio da experiência.

As corridas de carro, o automobilismo como uma nova prática da burguesia urbano industrial vigente nesses séculos impacta os sentidos de viver a cidade: a construção e alargamento das ruas e avenidas, as novas sensações em relação ao bonde elétrico (agora lento), e a excitação dos esportes, nova prática de lazer das massas urbanizadas. É importante lembrar que a relação corporal e de saúde dos esportes não é algo do início do seu processo histórico – esporte como divertimento (das elites sobretudo) e tempo de lazer fizeram da prática esportiva, dentre elas o automóvel e o automobilismo, um distintivo de classe⁶.

Quando Benjamin fala sobre a perda da experiência, sobretudo a pequenez do corpo humano frente à fome, à miséria, para além do contexto da perda da experiência coletiva dos sujeitos, há a comparação com a velocidade dos bondes elétricos em relação aos cavalos. Ajustadas as novas sensibilidades de viver numa cidade, os cavalos foram substituídos pelos bondes que antecedem os automóveis. Para os sujeitos é necessário um ajuste sensorial na sensação de velocidade trazida pela nova máquina, o automóvel.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de

⁶ Ver mais em Melo (2008).

forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Cavalos, ainda que presentes nas cidades já com automóveis, são reflexos do rural. O turfe, um dos primeiros esportes a serem organizados no mundo e que lança bases para a organização do campo esportivo, segundo Melo (2008) ajuda a levar práticas esportivas subsequentes a adotarem parte do seu modelo de competição. Os cavalos não cabiam mais numa estrutura urbana, símbolo do passado rural, ao contrário do automóvel, a personificação do progresso. Melo (2008) nos lembra de que, encarado como substituto e superação da natureza (de cavalos e da força humana), o automóvel é uma marca da chamada Segunda Revolução Industrial e um dos símbolos mais importantes do século XX. O automobilismo, em grande medida, é entendido como o exponencial dessa representação simbólica.

O automóvel e o automobilismo como parte dessa (perda) da experiência para Walter Benjamin tem como uma de suas grandes características o desenvolvimento da técnica. A técnica para Benjamin e a razão instrumental tornariam impossível a narrativa e a relação da experiência com o outro. A narrativa, a lentidão e o declínio da comunicação oral necessária à tessitura da experiência estariam no contraponto do aparente progresso das máquinas, motores, automóveis como cerne do processo de barbárie social para Walter Benjamin. O automóvel, assim como o vidro e o aço não deixariam a possibilidade dos vestígios.

Pensando na perda da experiência em *Rush*, o automóvel, seus construtores preocupados com seus motores e o desenvolvimento não consideraram “o frágil e minúsculo corpo humano” de seus pilotos. A máquina, o motor e a sociedade que as criaram seriam “novas barbáries” para Benjamin (1994) não pela sua representação, mas pela ausência de humanidade atribuída para as mesmas. A linguagem da técnica e da construção teriam para Benjamin (1994) transformado os homens “antigos” em criaturas totalmente “novas”. A técnica, os construtores seriam o oposto à da dimensão da vida “orgânica”.

Como um dos maiores espetáculos televisivos do século XX, a Fórmula 1 teve pela televisão a velocidade, a emoção, o limite da vida também experimentados pelo espectador. O fascínio e o luxo que cercam os Grandes Prêmios da categoria ainda são

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

distintivos de classe. A encenação televisiva e a capacidade de ver automóveis em alta velocidade em cada curva das pistas pelo mundo certamente transformaram a forma de lidarmos com o automobilismo. A forma como o filme foi narrado tem sua razão de ser também pelos registros televisivos. A televisão e os sujeitos que nela trabalham são narrativas importantes desse espetáculo de velocidade, ou de perda de experiência para Benjamin, que atingem milhões de espectadores pelo mundo em busca dessa excitação e da identificação com seus atores (pilotos e carros). A imprensa é capaz de narrar em imagens e sons aquilo que o espectador na beira da pista não é capaz de ver. Nesse sentido, é interessante observar como o espetáculo (ou “circo” como é comumente conhecido) da Fórmula 1 produz identificações com novas sensibilidades para o espectador através da velocidade, da figura do atleta (piloto) e da técnica e tecnologia encarnada pelos automóveis. Se é possível dizer que o advento do carro e do automobilismo significou para Benjamin a perda da experiência, é possível também dizer que uma das grandes marcas desse esporte é a busca pela excitação.

[...] a excitação é uma das marcas dos esportes “a tensão do embate, excitação pela incerteza, fervor do recorde, do excepcional, do brutal sentimento de progresso que se obtém com a performance ou com um marca fora de série [...] O esporte põe em confronto com o imaginário do desenvolvimento e do progresso. Põe mais ainda em confronto com o extremo, com mais um sempre ultrapassado” (VIGARELLO, 2008, p. 450).

A vida vivida no extremo, no limite, parece também suscitar prazer no espectador, no limite da máquina e no limite do homem como a história de Niki Lauda (Daniel Brühl) e James Hunt (Chris Hemsworth). Para Vigarello (2008), essa excitação somente é possível, pois há uma dinâmica estabelecida de identificação com os atores do processo esportivo através da imprensa. A exacerbação do público, a criação do herói (e também do anti-herói no caso do filme), faz com que esses homens que desafiam a vida pelas pistas do mundo sejam próximos e distantes ao mesmo tempo. Daí, a facilidade da imprensa esportiva construir as “lendas” e os “mitos” esportivos, o vencedor – como no caso de Niki Lauda – tão frágil humanamente como seu oponente Hunt, mas tão perfeccionista e quase irreal no seu contexto social. A capacidade de Lauda de ajustar o carro, a volta ao campeonato semanas depois do acidente, a

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

incapacidade pessoal de lidar (ou calcular) a imprevisibilidade, faz do mesmo não um simples esportista, mas o que dele é exaltado para se difundir a narrativa do “melhor” alinhando o drama do prazer e do espetáculo.

Benjamim (1994) nos lembra de que a experiência não mais se vincula a nós, mas a toda a humanidade. A pobreza da experiência estaria na forma como a própria humanidade coletivamente trata seus bens culturais. Pensando em *Rush*, o retrato moral da experiência no esporte, não somente do atleta – nesse caso o piloto – a identificação com as massas, o respeito às regras do jogo, a imprevisibilidade da disputa; tudo isso é um mecanismo de fabricação do herói. Esses sujeitos, pensando a pobreza da experiência, intentariam libertar-se da experiência, pois aspiram a um mundo em que possam ostentar sua pobreza externa e interna. Em busca da excitação, da velocidade e do limite da vida, seus personagens seriam capazes de devorar tudo, a cultura e os próprios homens (e sua velocidade em todos os sentidos) e assim ficarem saciados e exaustos – com suas máquinas e a capacidade das mesmas de transformarem o mundo – ou de empobrecê-lo. (BENJAMIN, 1994, p. 118).

2. O filme “Um domingo qualquer” em diálogo com Pierre Bourdieu⁷

O filme *Um domingo qualquer*, do cineasta norte-americano Oliver Stone (EUA, 1999), permite-nos compreender quanto às estruturas e dinâmicas do campo esportivo intrinsecamente relacionado aos interesses do campo midiático-esportivo. A obra foi lançada nos EUA em 1999 e em abril do ano seguinte aqui no Brasil. Neste breve relato, tecemos comentários sobre a obra em si, procurando articular as análises a partir das contribuições teórico-conceituais do sociólogo francês Pierre Bourdieu, em especial, quanto aos conceitos de *campo*, *habitus* e *illusio*.

⁷ No texto publicado pela Revista Ambivalências/UFS, sob o título *Possibilidades de análise fílmica de “Um domingo qualquer” a partir do constructo teórico de Pierre Bourdieu* (MEZZAROBBA, 2019), é possível compreender-se de maneira bastante detalhada a análise realizada em relação ao filme no dia do evento.

Imagem 2 – Capa do DVD do filme *Um domingo qualquer*

Fonte: MERCADO LIVRE, s.d

Iniciemos pela “obviedade” do seu título: por que *um domingo qualquer*? Podemos compreender que isso se deve porque, em geral, é aos domingos que costumam ocorrer os jogos esportivos, os quais passam a ocupar as grades televisivas e fazer jus aos argumentos que corroboram o esporte-espetáculo sob os ditames da indústria cultural, ou seja, em um dia considerado tedioso, o “remédio” é o entretenimento: o esporte-espetáculo já foi (e ainda é) bastante utilizado como forma de entretenimento que ajuda a vender o próprio espetáculo esportivo, mas também vincula a mercadorização de outros produtos (bebidas, marcas esportivas, equipamentos eletrônicos, produtos alimentícios etc.). Mas particularmente ao filme, o seu título precisa ser analisado sob o contexto cultural norte-americano, isto é, trata-se de uma nação protestante que tem o domingo como o *sabbath* (o primeiro dia da semana como sendo um dia de descanso e de adoração a Deus), que, neste caso, pode revelar a intenção do diretor em colocar os “deuses terrenos” com seus corpos esportivos substituindo o “Deus divino”: se pela ótica religiosa o domingo é um dia especial, o esporte transforma tal dia em *um domingo qualquer*!

O filme em questão permite que possamos desvelar os bastidores do futebol americano, um dos esportes mais populares daquele país, que, além de movimentar um público massivo, também faz girar valores econômicos astronômicos. A narrativa do filme evidencia o contexto dos jogadores e dos treinadores (para além do contexto esportivo), dos treinamentos e dos jogos, bem como, a dimensão empresarial,

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

publicitária e midiática que participa do “jogo esportivo”, ou seja, neste drama, Oliver Stone nos mostra, mesmo que a partir de excessos (de violência: como na cena em que o olho do atleta é desintegrado de seu corpo; de romantismo: em relação a uma visão amadora *versus* a visão profissional em que o esporte se encontra), o grande negócio que é o esporte, e seu foco voltado ao lucro a partir daquilo que o público consome enquanto jogo, espetáculo e entretenimento.

Observando tecnicamente o filme, identificamos uma multiplicidade de ângulos, a rapidez dessas trocas e um som que nos chama atenção mesmo quando tudo silencia (principalmente em momentos em que ocorrem lances de impacto corporal, certamente algo proposital do diretor para tocar sinestesticamente o espectador diante da dureza e da tensão que é o esporte de alto rendimento). No transcorrer do filme, há uma diversidade e preciosidade musical, que vai do DJ Moby a Nina Simone, de Queen a OutKast, e, como é bastante evidenciado no filme, pela relação com a realidade norte-americana e do próprio futebol jogado lá, com o uso de *raps*, que é uma identidade entre esporte e cultura musical naquele contexto.

Visualmente falando, pode-se dizer que temos uma belíssima ilustração – com excelentes sequências dentro de campo, em que o diretor nos coloca, enquanto espectadores, na linha de frente, quase nos tornando jogadores. Em relação às minúcias que nos cabem analisar quanto ao campo esportivo, embora caricatas, temos boas exemplificações quanto à relação entre essa estrutura social do campo esportivo, os *habitus*⁸ daqueles agentes (jogadores, treinadores, repórteres, empresários, médicos, políticos etc.) e a forma como cada um desses agentes coloca em ação a *illusio*, ou seja, como cada um demonstra seu interesse ao se movimentar nessas estruturas. Vejamos, então, esses três conceitos bourdieusianos em relação aos exemplos observados no filme.

O *campo*⁹ se refere a um espaço social que no filme é identificado e caracterizado como o campo esportivo e também elementos do campo midiático

⁸ Por mais óbvio que possa parecer, é possível inferirmos a incorporação de *habitus* também quando observarmos o padrão de consumo exibido nas várias festas do filme, bem como na aquisição de bens por parte dos atletas, além, é claro, do uso e divulgação das marcas esportivas que revelam um espaço legítimo.

⁹ Para Bourdieu (2004, p. 20), *campo* é “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamílcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

interagindo e interferindo naquele. Nesse campo, estão os agentes (jogadores, treinadores, preparadores físicos, empresários, jornalistas, comentaristas, publicitários, políticos, público espectador etc.) e as suas formas de “jogar” – aqui entendido como “atuar”, que é a própria *illusio* na concepção bourdieusiana – a partir do que a estrutura (sócio-histórica) do campo permite realizar, com os *habitus* que vão sendo incorporados (mentalmente e corporalmente) ao longo de suas trajetórias, cada um a seu modo na busca em ocupar posições na sociedade (de destaque, de poder, de prestígio).

O *campo esportivo*, de acordo com Bourdieu (1983, p.142), pode ser assim explicado:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc.

Para acessar, atuar e participar de um *campo*, seja ele qual for, é necessário ser iniciado aos seus códigos, linguagem, dinâmicas internas e as suas práticas. Todos esses elementos podem ser considerados formas de incorporação de estruturas de percepção oriundas de determinados espaços sociais, ou seja, temos aí a explicitação do conceito de *habitus*¹⁰.

O *habitus* é a incorporação diária de saberes e práticas, via esquemas de percepção, que vão constituindo nossas subjetividades. Trata-se, conforme Bourdieu, no *sensu prático*, de um saber que não é conceitual, mas também não é irracional. No filme

como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias.”

¹⁰ Bourdieu (2001, p.61) vai considerar que “o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em ação”, algo que vai sendo interiorizado pelos sujeitos, pela incorporação de esquemas, por meio das mais diversas agências, ou seja, ocorre uma interiorização da exterioridade e uma exteriorização da interioridade, uma relação dialética “clássica” da sociologia, que considera indivíduo e sociedade, ou, nos termos de Bourdieu, agente e estrutura.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamílcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

em análise, o *habitus* pode ser exemplificado nas seguintes passagens: (a) o gosto musical dos atletas relacionado ao *rap* e o desconhecimento de cantores(as) mais “antigos”, como Miles Davis, Billie Holiday; (b) o gosto do técnico da equipe por filmes que envolvem gladiadores romanos; (c) a naturalização do racismo, enquanto consciência de posição/disposição; (d) a naturalização das lesões corporais e da dor/sofrimento; (e) o acostumar-se com o distanciamento familiar etc. O *habitus*, então, é uma intuição que não é inata, é apreendida e aprendida, com a incorporação de ofícios, discursos, práticas, ações corporais, códigos etc.

Por fim, temos o último conceito: *illusio* – que se trata da noção de estar e se constituir no jogo, “jogar o jogo”, para poder legitimar essas práticas e esses interesses, ao mesmo tempo em que capitaliza esse campo nas trocas que ele faz acontecer. Conforme Bourdieu (1996), a *illusio* é um interesse, uma *libido*, que proporciona um enorme “prazer de jogar” dentro do contexto de um campo de acordo com os *habitus* já incorporados. É ela, a *illusio*, que permite a manutenção do campo e suas estratégias para seguir acreditando no que se faz, cotidianamente, treinando, se esforçando e lidando com as agruras que só quem está imerso nos bastidores do esporte de alto rendimento sabe e entende o porquê faz o que faz, parecendo sem sentido para quem vê isso de fora.

Bourdieu (2004, p.217), ao tratar quanto ao esporte-espetáculo, que é o que visualizamos em *Um domingo qualquer*, argumenta que “[...] um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos está se constituindo progressivamente (entre os quais, por exemplo, os espetáculos esportivos), no interior do qual se desenvolvem interesses específicos, ligados à concorrência, relações de força específica, etc.”

O filme também nos possibilita enxergar características apontadas por Bourdieu (1983), como a racionalização da preparação (treinamento) e a maximização da eficácia específica, em que diversos campos influenciam no campo esportivo: marketing, fisiologia, biomecânica, direito, jornalismo, psicologia, informática, engenharias, antropologia, sociologia, pedagogia, geografia, gestão administrativa, economia etc. O esporte, então, se apresenta como um *produto de nosso tempo*, no sentido da concorrência, da vontade de vencer e de conformar regras.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

3. O filme “O programa” (Lance Armstrong) em diálogo como Zygmunt Bauman

Imagem 3 – Capa do DVD do filme *O Programa*



Fonte: ADORO CINEMA, 2016.

O filme “O programa: a verdadeira história de Armstrong” (2015) dirigido pelo britânico Stephen Frears narra as estratégias que o maior ciclista de todos os tempos utilizava para fazer uso de doping. Neste sentido, o filme não é uma biografia de Lance Armstrong, mas sim um recorte da vida do ciclista reduzindo o roteiro do filme a um tratado acusatório do uso de doping do ciclista sete vezes campeão do *Tour de France*¹¹. O *script* do filme é tão centrado em Armstrong que sequer amplia as reflexões sobre a utilização ilegal de drogas no ciclismo. Neste sentido, reiteramos que o foco é exclusivo a toda uma organização política de manipulação de doping que gira em torno de Lance Armstrong – daí o título do filme: “O programa”.

¹¹ O *Tour de France* é considerada a competição mais importante no mundo do ciclismo. O Tour teve sua primeira edição realizada em 1903 e acontece todos os anos na França. O *Tour de France* carrega uma mítica por ser a competição mais difícil do ciclismo pois são percorridos 3640 Km de prova organizados em 21 etapas. Como se não bastasse a longa distância, a prova é composta por 26 montanhas que reportam aos ciclistas o apelido de “escaladores”.

O filme narra a frustração de Lance quando se percebe limitado corporalmente frente a seu organismo/natureza por não conseguir vencer enquanto atleta de ciclismo. Seu espírito competitivo o leva em direção ao uso de drogas a fim de potencializar seu corpo para as competições. Essa trajetória é percebida por um jornalista que conviveu com Armstrong desde o início de sua carreira. O jornalista – mocinho – (encenado por Chris O’Dowd) é o protagonista que passa o filme investigando “o programa” e enfrentando todo um sistema que estrutura e encobre o uso do doping por parte de Armstrong – o vilão – (interpretado por Ben Foster). A sinopse do filme o apresenta da seguinte forma: “Um jornalista está convencido do doping do ciclista Lance Armstrong. Ele começa a investigar e buscar provas para trazer à luz a verdade” (O PROGRAMA: A VERDADEIRA HISTÓRIA DE ARMSTRONG, 2015).

Pensar “O programa” a partir do esporte moderno é também pensar no corpo moderno, no corpo da ciência. A revolução iluminista procurou, como vetor da modernidade, tirar o corpo das mãos de Deus e colocá-lo na mesa para dissecá-lo e desmontá-lo em partes via postura da ciência metódica: “O saber científico redefiniu o corpo: arrancando-o do homem vivo e escolhendo o cadáver como seu modelo e objeto” (SIBILIA, 2002, p. 68).

Esse corpo ficou assim condicionado a uma ideia de natureza pautada em toda uma epistemologia biologicista. Ou seja, as bases epistemológicas ocidentais modernas para se pensar o corpo assumiram contornos definidores eminentemente biológicos impactando na política e na estética dos usos do mesmo. Parte-se do pressuposto de que o corpo humano está preso a uma condição de organismo, e por assumir tal característica, fica submisso a ela. A tríade ciência/técnica/tecnologia são dispositivos que afetam o organismo e potencializam o mesmo para além de suas condições naturais – ou seja, colocam sua natureza em variação. O corpo do atleta visto sob a égide da ciência aos poucos vai se transformando num corpo técnico objeto da política, na medida em que a racionalidade científica e técnica¹² começa a desenvolver nele as forças produtivas que dele são exigidas no âmbito esportivo.

¹² Há, portanto, entre ciência e técnica uma estreita interdependência. A técnica depende da ciência, da qual é somente uma aplicação: o ser humano só pode atuar sobre o mundo se conhece as leis que o regem (do conhecimento das leis se faz uso delas). Porém, a ciência depende da técnica e em certo sentido é engendrada por ela: o humano se esforça para saber para poder atuar (RAYNAUD, 2018, p. 31).

Pautada na política dos usos do corpo no esporte surge a ideia do doping, que é só um fragmento da axiologia esportiva. A anatomia do corpo do atleta passa a reger toda uma anatomia política na medida em que a biologia passa a ser a métrica para se medir a moral. A ideia de doping está totalmente presa a uma visão naturalista de corpo que ao fazer uso de produtos tecnológicos acaba por deslocar a compreensão do que a ontologia clássica caracterizava como de ordem humana – com uma natureza imutável. O ser humano, preso a essa ontologia, possui no seu âmago a ideia de que esse corpo, ao ser modificado pelo uso das tecnologias, fica descaracterizado de sua condição humana, ou seja, ele passa a ser visto como uma entidade “não-humana”, “transumana” – artificial.

O conceito de ambivalência proposto por Zygmunt Bauman é central para pensarmos nos litígios esportivos do doping a partir de uma ontologia tradicional naturalista enquanto o mesmo é gerido na sua totalidade pelas tecnologias oriundas de um sem-fim de ciências. A ambivalência¹³ entre esporte e ciência – trazida ao filme sob a perspectiva do uso do doping – parece ser um dos maiores paradoxos destes na modernidade. Bauman (1999, p. 9) conceitua a ambivalência da seguinte forma:

A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar. O principal sintoma da desordem é o agudo desconforto que sentimos quando somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas. É por causa da ansiedade que a acompanha e da conseqüente indecisão que experimentamos a ambivalência como desordem – ou culpamos a língua pela falta de precisão ou a nós mesmos por seu emprego incorreto. [...]. Classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma estrutura: manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem causais ou limitar ou eliminar sua causalidade.

Tensionar o uso de tecnologias no esporte sob a ótica da ambivalência é tentar desmobilizar a ontologia tradicional que encerra o humano na noção clássica de

¹³ Esta ambivalência entre esporte e drogas é muito bem reflexionada no texto de Vaz (2005) quando o mesmo menciona que a questão do doping no esporte é muito controversa “se considerarmos que o uso de drogas de algum tipo parece ser imprescindível para o esporte de alto rendimento e que nele há pouco do que poderia se chamar ‘natural’ no que se refere à relação com o corpo” (VAZ, 2005, p. 26). Vaz interpela muito bem as contradições do doping enquanto técnica de manipulação do corpo para a superação de recordes e o discurso axiológico que o mesmo tenta sustentar.

natureza sempre fixa, bloqueando o acesso a problemáticas filosóficas do ser inevitavelmente sujeito e indeterminado às dinâmicas de seu contexto/historicidade. Nesse sentido o filme “O programa” (2015) é extremamente limitado na medida em que não tensiona e não abre fissuras para compreender o doping para além de uma moralidade imposta. Neste sentido o filme é muito unilateral e demonstra a política sob a qual o diretor elegeu filmar. Fruto dessa unilateralidade limitante, o personagem de Armstrong também se resumiu a um ser sem escrúpulos disposto a toda e qualquer trapaça para vencer. O destrato que o diretor teve ao reduzir seu filme sobre Armstrong e sobre doping a um jogo de “mocinho” e “vilão” é tão somente o reflexo do destrato que o esporte também tem para com as questões da ciência e da técnica. Sendo assim, a proposição de Haraway (2009) no seu manifesto ciborgue talvez nos ajude a ampliar os horizontes do humano na sua relação com a ciência e com o esporte.

[...] somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica (HARAWAY, 2009, p. 39).

4. O filme “Sangue nas águas” em diálogo com Eric Hobsbawm

“Sangue nas águas”, originalmente *Szabadság, Szerelem*, é uma produção húngara de 2006 dirigida pela cineasta Krisztina Goda. O filme se passa em 1956 e narra os acontecimentos da revolução húngara e da invasão soviética à Hungria, através do romance entre uma ativista da revolução e um atleta da seleção de polo aquático. O clímax do filme se dará na brutal disputa semifinal do torneio olímpico masculino de polo aquático entre Hungria e União Soviética nos Jogos de Melbourne.

O que há de significativo entre os dois fatos: a violência nas ruas de Budapeste e a violência nas piscinas naqueles que deveriam ser os “Jogos da Paz”? A luta pela liberdade sob a ótica narrativa do cinema hollywoodiano! Há uma mensagem claramente maniqueísta entre os selvagens e ditadores soviéticos oprimindo a juventude húngara, pura e ansiosa por liberdade.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

Apesar de uma produção da Hungria, o filme foi roteirizado e produzido por Joe Eszterhas, húngaro radicado nos Estados Unidos desde a década de 1980. Eszterhas tinha uma inclinação aos roteiros de ordem política, a começar pelos trabalhos com o diretor Constantin Costa-Gavras, “Atraíçoados” (1988) e “Music Box” (1989), porém se tornou famoso em Hollywood roteirizando filmes de suspense com alto teor de erotismo, a exemplo de “Instinto selvagem” (1992), “Invasão de privacidade” (1993), “Showgirls” (1995) e “Jade” (1995)¹⁴. Este *know-how* o impulsionou a escrever, no cinquentenário destes dois eventos importantes de seu país natal, um roteiro que lhes dá, além das tintas trágicas, a dimensão narrativa heroica própria da indústria do cinema.

Utilizamos o filme “Sangue nas águas”, demonstrando sua construção narrativa tipicamente hollywoodiana, dialogando com a compreensão da dinâmica histórica do século XX posta nos estudos de Eric Hobsbawm, notadamente seus estudos sobre o “breve século XX”, acerca das tradições e os impactos dos discursos e práticas nacionalistas.

Primeiramente cabe expor, através dos títulos do filme e dos cartazes oficiais, que dimensões da história estão sendo construídas no contexto de produção, assim como em cada contexto de divulgação e distribuição. O filme originalmente se chama *Szabadság, Szerelem*, em tradução livre do húngaro seria: Liberdade, amor. O foco estaria na busca da liberdade do povo húngaro sob o jugo do comunismo soviético e o amor descoberto nas lutas de Budapeste pelos protagonistas, Viki e Karcsi. O cartaz do filme nos revela os protagonistas de costas porém lado a lado, alça das armas sobre os ombros, adentrando a uma bruma de fumaça e colocados acima de imagens da revolução nas ruas e a bandeira húngara tremeluzindo (Imagem 4). Atentemos que não há nenhuma alusão ao esporte nem no título, nem na arte do cartaz. Já nos Estados Unidos, o filme recebeu o título de *Children of Glory*, em tradução livre, Filhos da Glória. Uma inferência mais grandiosa à luta daqueles que nasceram heroicamente da busca pela liberdade. O cartaz estadunidense (Imagem 5), já mostra os protagonistas frontalmente, Karcsi de arma em punho e à frente de Viki com imagens dos tanques soviéticos atacando a cidade. A arte também não faz nenhuma menção ao esporte, mas há uma mensagem importante: “*The Lives of others meets Chariots of Fire*”. O filme

¹⁴ A fim de conhecer mais da trajetória cinematográfica de Joe Eszterhas cabe uma visita ao Internet Movie Data Base. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0000390/>. Acesso em: 04 nov. 2019.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

alemão “A vida dos outros” (2006), uma crítica ao comunismo na Alemanha Oriental encontra-se com “Carruagens de fogo” (1981), o filme que sintetiza o ideário esportivo burguês defendido pela Inglaterra nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Por fim, a versão brasileira enfatiza o elemento esportivo aludindo ao sangue derramado nas piscinas olímpicas que ganham primazia ao sangue derramado nas ruas, enquanto o cartaz mostra as cores da piscina abaixo das lutas nas ruas, o protagonista acima da protagonista, um atleta de polo aquático com a evidente touca e um texto explicitamente chamativo (“O melhor filme de polo aquático já feito”) e um alegórico (“Este não é apenas um jogo”).

Imagem 4 – Cartaz do filme *Szabadság, Szerelem*



Fonte: <https://www.cinematerial.com/movies/szabadsag-szerelem-i486219/p/yep08hyz>

Imagem 5 – Cartaz do filme *Children of Glory*



Fonte: <https://www.amazon.com/Children-Szabads%C3%A1g-szerelem-NON-USA-%3E%3E%3EFORMAT/dp/B0019GJ4DI>

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

Imagem 6 – Cartaz do filme Sangue nas águas

Fonte: <https://imagemfilmes.com.br/filmes/103719/sangue-nas-aguas>

Como se sintetizam os eventos ocorridos em Budapeste e em Melbourne narrados no filme diante do contexto histórico? Para Hobsbawm (1997) vivíamos a Era de Ouro, de avanço das tecnologias, estabilidade econômica, ampliação da educação e cultura em todos os continentes, mas de tensão latente entre os blocos comunista, capitaneado pela União Soviética e o Pacto de Varsóvia (1955), e capitalista, liderado pelos Estados Unidos através da OTAN (1949).

Nesse processo, o ano de 1956 é emblemático e culminante para o avanço dessas tensões. Em fevereiro, o Premiê russo Nikita Krushev profere o “Discurso secreto” (“Sobre o culto à personalidade e suas consequências”), no XX Congresso do Partido Comunista Soviético revelando os crimes de Stalin, ao longo das últimas três décadas. Em junho, eclodem greves na cidade de Poznan, na Polônia, reflexos dessas revelações de Krushev, que gestarão o chamado “Outubro Polaco”. Ventos da Polônia fazem explodir a revolução húngara entre 23 de outubro e 10 de novembro. Tanto Hungria quanto Polônia viviam sob a tutela soviética em um regime político inflexível e economia planificada que produzia estagnação econômica, baixo padrão de vida e mal-estar generalizado. No dia 23, uma Manifestação de estudantes e suas demandas é reprimida violentamente pelo Estado Húngaro. A revolta se espalha e destitui o governo implementando como pauta: a retirada do pacto de Varsóvia e eleições livres. Essa pequena vitória, segundo Hobsbawm (2002a), foi a um limite que não podia ser tolerado pelos soviéticos. Em 4 de novembro, tanques soviéticos invadem Budapeste e

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

bombardeios aéreos destroem a cidade e a resistência sob a indiferença das Nações Unidas. A Hungria estava abandonada e arrasada!

Para Hobsbawm (1997, p. 387-388), a reação desproporcional não impactou totalmente os avanços pela liberdade posto que,

[...] após a revolução ser reprimida pelo exército russo em novembro de 1956, a liderança imposta pelos soviéticos foi genuinamente reformista e eficaz. Começou, sob János Kádár (1956-1988), a liberalizar sistematicamente o regime, conciliar a oposição e, na verdade, a realizar os objetivos de 1956, dentro dos limites do que a URSS encarava como aceitável.

Em meio a este cenário, a Hungria preparava-se para disputar os Jogos Olímpicos de Melbourne a se realizar entre 22 de novembro e 8 de dezembro. Tal fato seria de menor expressão se o filme não enfatizasse a redenção/vingança húngara acontecida nas piscinas Australianas naquele novembro de 1956. O protagonista Karcsi é um grande jogador de polo aquático da seleção húngara, completamente absorto nos treinos e alienado da situação política do país. O encontro e a paixão pela jovem ativista Viki desperta sua consciência política e ele participa ativamente das lutas nas ruas, mesmo podendo perder a disputa dos Jogos. Convencido por Viki a ir aos Jogos, posto que “este não é apenas um jogo, mas o primeiro da Hungria livre”, Karcsi parte para Melbourne e não acompanha a invasão soviética, a prisão e morte de Viki.

O filme enfatiza então a glorificação do time de polo aquático como a possibilidade de redenção do povo húngaro frente aos tiranos soviéticos. Cabe então fazer a devida menção à força desta prática na Hungria. O polo aquático é o esporte mais popular da Hungria e, já em 1956, a seleção húngara detinha 3 medalhas de ouro olímpicas e era o atual campeão olímpico (CARDOSO, 2000)¹⁵. Necessário fazer esta ressalva posto que o polo aquático é colocado no filme de modo que podemos fazer inferência a dois conceitos caros ao historiador Eric Hobsbawm: tradição e nacionalismo.

Para Hobsbawm e Ranger (2002, p. 9), Tradição é:

¹⁵ Hoje a Hungria é a recordista de medalhas neste esporte, possuindo 15 medalhas olímpicas no polo aquático masculino, sendo 9 medalhas de ouro, 3 de prata e 3 de bronze (CARDOSO, 2000).

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado, aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.

Tais tradições têm por pressuposto simbolizar coesão social, legitimar instituições e relações de autoridade, além da inculcação de ideais, valores e comportamentos. A percepção do Brasil como o “país do futebol” ancora-se nessa tradição inventada que nos remete a um passado glorioso unificando-nos sob as mesmas cores. Na Hungria essa tradição esportiva está ligada ao polo aquático, daí que a preparação para o jogo semifinal contra os soviéticos se sustenta na coesão do grupo e nos ideais libertários do povo húngaro: “Não é só um jogo. É o primeiro de uma Hungria livre!”

De igual modo, o nacionalismo para Hobsbawm (2002b) se sustenta em construir uma identidade imaginária unificadora que, dependendo dos rumos do discurso, descamba para a violência e o autoritarismo. Tal efeito se percebe nitidamente no discurso nacionalista do vestiário, proferido pelo treinador e inculcado pelos atletas: era preciso lavar a honra do povo húngaro ante a violência soviética, porém sob as regras do esporte! O jogo entre Hungria e União Soviética que entraria para a história pela violência dos soviéticos é vencido pelos húngaros que, segundo a narrativa fílmica, mantiveram a altivez esportiva e honraram, nas águas, os mortos de Budapeste.

Isso posto, o filme “Sangue nas águas” baseia-se em uma narrativa maniqueísta, sustentando-se na glorificação dos atletas e dos revoltosos, focando no amor revelador da consciência política, mas impedido de consumir-se pela violência política do comunismo. O diálogo com as obras de Eric Hobsbawm nos permite perceber que a História não é um processo de vilões e mocinhos, mas uma tensão permanente entre sujeitos e instituições tentando demarcar suas ações no mundo concreto. Os campos, quadras e piscinas, assim como os campos de batalha, são espaços de tensão, movimentos políticos, posições ideológicas e projetos de nação que, em maior ou menor medida, se articulam com a história dos homens, das sociedades e dos países demarcando tradições, inventando outras, em uma permanente contenda pela reescrita ou perpetuação de histórias e narrativas.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

PALAVRAS FINAIS: POSSIBILIDADES QUE ENVOLVEM CINEMA, ESPORTE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EF

As possibilidades formativas de ligar o pensamento social, o cinema e o esporte não se limitam à ação docente. Entendemos que a Universidade deve ser um espaço onde Ciência, Ética e Estética comunicam-se de forma visceral, propondo impactar a formação humana independente das especificidades técnicas de cada área.

Em uma sociedade imagética que tende ao espetáculo e sua banalização, pensar diálogos com as distintas possibilidades de mídia se faz premente. Corrobora-se o que Fischer (2008, p. 34-35) argumenta:

[...] Imagino que operar sobre as imagens da mídia na educação possa ser um trabalho vivo, criativo, alegre, explosivo na medida e que puder sair da sisudez e da mesmice das análises das representações da mídia sobre isto ou aquilo, na medida em que ultrapassar os estudos que replicam o quanto a mídia é pedagógica e o quanto ela ensina. E dizer mais: dizer que há experiências em jogos nesses espaços, que há aprendizados de experiências ou que há negação de outras experiências. Que algumas narrativas midiáticas solapam experiências, outras as incitam, outras ainda as pasteurizam e, portanto, as destroem.

Como a intenção continua a se propor e tensionar dimensões formativas plurais, pensamos ainda em consolidar este evento trazendo pensadores sociais como Norbert Elias, Hannah Arendt, Theodor Adorno, Michel Foucault, Jurgen Habermas, Judith Butler, Roberto Da Matta, Achille Mbembe, Edward Palmer Thompson, Paulo Freire, entre outros(as). As dimensões conectivas entre esporte e cinema também são plurais e passíveis de múltiplas interpretações. Filmes como *Olympia* (1938), *Um homem entre gigantes* (2015), *Carruagens de fogo* (1981), *Boleiros* (1998), *Passe livre* (1974), *Rollerball* (1975), *Jogos vorazes* (2012), *Um dia em setembro* (1999), *Raça* (2016), *Invictus* (2009), *A guerra dos sexos* (2017); *As damas de ferro* (2000) e *Onda nova* (1983), entre tantos outros, sinalizam fronteiras ainda não atravessadas e que podem nos impulsionar além!

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983. p.136-153.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996. p. 137-156.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARDOSO, Maurício. **Os arquivos das Olimpíadas**. Rio de Janeiro: Panda Books, 2000.

CHALUH, Laura Noemi. Filmes na formação de futuros professores: educar o olhar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 133-152, jun./2012.

CHARNEY, L. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. *In*: CHARNEY; SCHWARTZ, V. (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 317-334.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema na escola: usos pedagógicos para uma educação esportiva. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 8, n. 1, p. 361-385, jan./abr., 2013.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia, educação e experiência. *In*: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (orgs.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papirus, 2008. p. 25-40.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamilcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 93-102, jan./abr., 2009.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, T.T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em Cinema e Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, mai./ago. 2011.

MELO, Vitor Andrade de *et al.* O Projeto “Esporte e Arte: Diálogos”: a construção de um banco de dados. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 337-355, jul./dez. 2007.

MELO, Vitor Andrade de. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008.

MEZZARROBA, Cristiano. A “energia social” do esporte – aproximações e experimentações possíveis a partir de um conceito. **Kinesis**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 50-60, mai./ago. 2017.

MEZZARROBA, Cristiano. Possibilidades de análise filmica de “Um domingo qualquer” a partir do constructo teórico de Pierre Bourdieu. **Ambivalências**, São Cristóvão/SE, v. 7, n. 13, p. 203-222, jan. /jun. 2019.

NOGUEIRA, Marcos T. *et al.* O papel do cinema como disseminador de cultura e conhecimento. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 15., 2013, Cruz Alta. **Anais [...]**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2013. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/>. Acesso: 03 nov. 2019.

O PROGRAMA – a verdadeira história de Armstrong: Direção de Fernando Meirelles. Reino Unido; França: Califórnia Filmes, 2015.

Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na Educação Física – Cristiano Mezzaroba; Hamílcar Silveira Dantas Junior; Fabio Zoboli; Priscila Kelly Figueiredo – p. 262-292

RAYNAUD, Dominique. **Qué es la tecnologia?** Pamplona: Editorial Laetoli, 2018.

RUSH – no limite da emoção. Direção de Ron Howard. Estados Unidos: Universal Pictures, 2013.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Um domingo qualquer. **Direção de Oliver Stone**. Estados Unidos: Warner Bross, 1999. DVD (165 minutos).

VAZ, Alexandre F. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 23-36, 2005.

VAZ, Alexandre F. Jogos, esportes: desafios para a Educação Física escolar. **Cadernos de Formação CBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 2010.

VIGARELLO, Georges. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. *In*: CORBIN, Alain *et al* (org.). **História do Corpo: as mutações do olhar, o século XX**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020
